

NARRATIVAS ORAIS DE UMA CRIANÇA CEGA: UMA ANÁLISE DA PROSÓDIA E DA GESTICULAÇÃO NO CONTO E NO RECONTO DE HISTÓRIAS

Christiane Gleice Barbosa de Farias Nascimento(UNICAP)

christiane.farias@oi.com.br

Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)

renataffonte@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa teve como motivação o interesse em focar nosso olhar para o gênero oral contação de história, considerando uma criança cega. Partindo do seguinte questionamento: Como uma criança cega faz uso da gesticulação e da prosódia ao narrar histórias? Diante desse questionamento este estudo teve como objetivo geral analisar os elementos prosódicos e a gesticulação em narrativas orais de uma criança cega e os objetivos específicos foram identificar e descrever a fala com suas marcações prosódicas e as gesticulações da criança cega no conto e no reconto de histórias.

Para a análise proposta, realizamos um estudo do tipo qualitativo, no qual filmamos duas situações distintas. Na primeira, a criança cega contanto a história de Branca de Neve e na segunda, ela recontando a história do Patinho feio. Após a filmagem, transcrevemos a fala, suas marcações prosódicas e as gesticulações da criança cega durante as narrativas das histórias para analisar a relação entre esses aspectos multimodais da linguagem.

A utilização da linguagem multimodal é um aspecto importante no âmbito familiar, pois a partir da multimodalidade a criança começa a fazer uso da língua. Cavalcante (2009) observou em duas díades mãe-bebê no período de dois a dezoito meses de vida da criança, que o bebê começa a se engajar em gêneros orais, como o diálogo, o jogo e a contação de história, através da multimodalidade, isto é, associando gestos às produções vocais, ou seja, mesmo não sabendo falar a criança utiliza os recursos multimodais como gestos, balbúcio ou variações prosódicas para produzir sentido. Logo, a multimodalidade está presente desde cedo na interação mãe-bebê.

Dionísio (2007, p. 178) afirma que “quando falamos usamos não só a voz, mas também o corpo, pois fazemos gestos, maneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio”. Nesse contexto a linguagem oral pode vir associada pelos aspectos multimodais como gestos, entoações, variações prosódicas, que produzem sentido.

Este artigo iniciará com discussões sobre multimodalidade e narrativa oral, contemplando considerações de McNeill (1985, 2000), Cavalcante (2009), Marcushi (2003) e Dionísio (2007). Em seguida, será apresentada a perspectiva da multimodalidade e cegueira com base nos estudos de Iverson; Goldin-Meadow (1997, 2001) e Fonte (2006, 2009, 2011) para facilitar a análise dos recursos multimodais, ou seja, da prosódia e da gesticulação utilizadas nas narrativas de histórias realizadas pela criança cega.

1. Multimodalidade e narrativa oral

A linguagem multimodal é um aspecto importante que deve ser considerado no processo de interação. Dionísio (2011) argumenta, em seus estudos, que as ações sociais são fenômenos multimodais e que os gêneros textuais orais são multimodais justificando que usamos no mínimo dois modos de representação da linguagem: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e sorrisos etc.

Nesse contexto os gestos, a fala, entoações vocais, o sorriso, o olhar são formas de comunicação que a criança pode utilizar para construir sentidos nas narrativas orais.

Marcuschi (2003, p. 24) afirma que:

a fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos da modalidade oral e caracteriza-se pelo uso da língua em sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

Com base nas considerações de Marcuschi (2003), os aspectos prosódicos nas narrativas orais são ferramentas que contribuem para uma boa narração, pois através desses recursos a criança consegue produzir sentido.

Diferentes elementos prosódicos podem ser identificados na fala, entre eles, podemos mencionar a entonação, a duração, a pausa, a intensidade e a velocidade de fala.

Segundo Cagliari (1992), a entoação está relacionada ao tom de voz baixo (voz grave) ou alto (voz aguda), que varia de acordo com a atitude do falante. A duração pode indicar alongamentos ou encurtamento de segmentos. A pausa permite ao falante respirar durante a fala ou tem a função de representar um momento de hesitação, possibilitando ao falante reorganizar o processo de produção da fala e através de sua atitude impressionar o seu interlocutor. A intensidade ou volume significa falar alto ou falar baixo que é uma característica do falante, nesse sentido, falar alto pode significar uma atitude autoritária e falar baixo pode representar respeito, timidez ou persuasão. Já a velocidade da fala é caracterizada pela ocorrência da aceleração ou desaceleração da produção verbal.

Cavalcante; Brandão (2012), em seus estudos sobre o papel da gesticulação na fluência da fala, destacam um fragmento de narrativa infantil onde é perceptível o papel dos gestos na fluência da fala e da prosódia.

R.: Era uma vez o sapeuzinho vermelho ia na floresta (inspiração) e... (pausa hesitante) [(SI)]

M.:[(SI)] continua. e ele contô o lobo:... (pausa) o lobo e/e e... (repetição hesitante) depois sabe que o lobo ia fazê? Pegô o revolve dele e matá... (pausa) matá o sapeuzinho e depois... (pausa)

M. : Fala, conta.

R.: e depois a ota pequenininha minha filha foi lá na flo (SI) na floresta também (inspiração) e eu encontrei o lobo

(Extraído de RAMOS; SCARPA, 2007, p. 357).

Nesse contexto a prosódia juntamente com a fala e os gestos são importantes na narrativa oral, possibilitando a criança utilizar os elementos prosódicos ao contar uma história.

Para Marcuschi (2003, p. 18) “a fala enquanto manifestação da prática oral é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê.” Com base nessa citação a linguagem multimodal oral serve-se da gestualidade, mímica, prosódia, para estabelecer, manter e produzir sentido.

A linguagem na modalidade oral é considerada variável, mutável, heterogênea sempre situada em contextos de uso e não pode ser vista apenas como um código nem é única fonte do sentido, ou seja, os recursos multimodais que dela se apropria são instrumentos importantes das narrativas orais.

Cavalcante (2009, p. 153) trouxe em seus estudos contribuições na perspectiva multimodal da língua afirmando que “a criança começa a adquirir os gêneros do discurso partindo de uma noção de língua como multimodalidade”, isto é, utilizando a linguagem multimodal como os aspectos prosódicos para estabelecer relação principalmente com a mãe.

Fonte (2011) afirma que as gesticulações podem ser caracterizadas por movimentos de diferentes partes do corpo, como braço, cabeça, pernas, ou seja, por todos aqueles movimentos corporais que acompanham o fluxo da fala.

McNeill (1985, p. 209) contribuiu na perspectiva da multimodalidade afirmando que “gestos e fala são integrados em uma mesma matriz de produção”¹. Nessa perspectiva gesto e fala estão interligados formando um única forma de comunicação.

Com base nos teóricos com relação à linguagem multimodal, podemos considerar que a multimodalidade está presente na integração da fala, da prosódia, dos gestos sendo elementos necessários nas narrativas orais da criança cega, uma vez que assume papéis importantes na produção de sentidos.

2. A gesticulação e a prosódia da fala da criança cega

Há poucos trabalhos que relacionam multimodalidade e cegueira, pois a discussão dessa temática é recente.

Os gestos são destacados como um recurso multimodal para se expressar. Segundo Goldin-Meadow e Iverson (2001), a gesticulação é essencial para a fala independente da capacidade visual. Para alcançar esses resultados, as autoras analisaram crianças e adolescentes cegos desde o nascimento com idade entre nove e dezoito anos, com o propósito de observar se as gesticulações realizadas por eles se assemelhavam aos gestos das crianças que enxergam. Este estudo mostrou que os falantes cegos gesticularam durante a fala com mesma frequência e com a mesma variedade de formas gestuais em relação aos falantes videntes.

Nessa perspectiva, os participantes cegos não apresentaram dificuldades em gesticular. Logo ficou comprovada a presença da multimodalidade diante da integração entre fala e gesticulação.

¹ Gesture and speech are an integrated system in language production.

Iverson e Goldin-Meadow (1997) realizaram um estudo mais recente com crianças cegas com o objetivo de observar as comunicações das crianças cegas desde o nascimento em diferentes situações e extrair seus gestos significativos. Os resultados mostraram que as mesmas utilizaram gestos como movimentos do corpo, cabeça, mãos, braços para se comunicar e produzir sentido.

Fonte (2006) contribuiu aos estudos sobre multimodalidade na cegueira, em seus estudos com gêmeos cego e vidente, observou as marcações prosódicas da fala materna que tiveram uma maior variedade na interação com o filho cego e que os gestos foram mais diversificados na interação com o filho vidente.

Em estudo mais recente, a autora observou que a mãe faz uso da pantomima vocal com variações de qualidades vocais ao usar o *falsetto* ou a voz grave na representação de personagens durante brincadeira com objeto. Em outros contextos, ao simular a cantiga de ninar, a pantomima vocal também foi realizada pela mãe e pela criança cega através da marcação prosódica ritmada (FONTE, 2011).

Fonte (2009, p. 96) também afirma que “o uso da fala associada aos gestos dependem do sentido tátil para serem percebidos e representados”. Com base nas constatações de Fonte (2006, 2009, 2011), podemos perceber que gesto, fala e as marcações prosódicas são recursos multimodais utilizados pela criança cega como forma de interação.

As considerações dos autores citados respaldarão a análise da gesticulação e da prosódia nas narrativas orais de uma criança cega.

A seguir, iremos descrever com mais detalhes os procedimentos metodológicos, incluindo a coleta de dados, os critérios adotados para transcrição dos dados, as categorias de análise, para enfim, analisar os recursos multimodais utilizados pela criança cega nas narrativas de histórias.

3. Metodologia

Com base na perspectiva multimodal da linguagem, propomos analisar a gesticulação e a prosódia em narrativas orais realizada por uma criança cega em duas situações: no conto da história de Branca de Neve e no reconto da história do Patinho Feio.

No primeiro momento, a criança contou a história de Branca de Neve, escolhida por ela. No segundo momento, após ouvir em áudio a história do Patinho feio, recontou essa história. Esses momentos foram filmados para melhor descrição dos recursos multimodais utilizados pela criança cega nas narrativas orais das histórias.

Para transcrição dos dados utilizamos as notações gráficas propostas por Marcushi (2001) e Fonte (2011, p. 109) obedecendo a forma como a palavra foi pronunciada.

((Para indicar gesto, movimento e postura corporais ou fala simultâneos do mesmo interlocutor.
(+)	Para pausas e silêncio existentes na fala.
Tempo	Para pausas que ultrapassam 1.5 segundo, indica-se o tempo.
Incompreensível	Quando não se entende parte da sala ou todo o turno.

LETRAS MAIÚSCULAS	Sílaba ou palavra com ênfase.
:Alongamento da vogal	Os dois pontos podem ser repetidos, a depender da duração.
‘Aspas simples (entonação)	Para uma subida leve (como uma vírgula ou ponto e vírgula)
“Aspas duplas (entonação)	Para uma subida rápida como no ponto de interrogação.

Além da transcrição da fala, foi realizada uma transcrição prosódica da fala da criança, incluindo a descrição da qualidade vocal, da intensidade e da velocidade de fala.

Para observarmos a multimodalidade, as transcrições das produções verbais com as marcações prosódicas e das gesticulações da criança cega durante as narrativas das histórias foram inseridas em uma tabela com a discriminação do tempo de ocorrência.

Elegemos, como categoria de análise, os seguintes planos multimodais, propostos por Fonte (2011):

- Plano prosódico;
- Plano verbal;
- Plano gestual.

4. Análise e discussão dos dados

Para a análise dos aspectos multimodais utilizados pela criança cega nas narrativas de histórias, iniciaremos as discussões pelo primeiro momento, que foi o conto da história de Branca de Neve, em seguida, a análise dos resultados estará voltada para o reconto da história do Patinho feio.

1º Momento: Conto da história de Branca de Neve

T	PLANO PROSÓDICO/ PLANOVERBAL	PLANO GESTUAL
09:40	(aumenta a intensidade vocal) ((ERA UMA VEZ uma menina que morava com a (voz infantilizada) madasta.))	((Mexia-se muito com o corpo, balançando-se))
09:40	(tom de voz grave) ((NÃO minha rainha’))	((realiza gestos manuais e balança o corpo))
09:43	((aí ela foi:: ela foi))	((Com o lápis na mão realizava movimentos circulares)).
09:44	((tom de voz mais grave) ((FUJA, banca de neve, FUJA	((Faz movimentos com o corpo balançando para frente e para trás, e com o lápis na mão, realiza movimentos circulares))

Ao narrar a história de Branca de Neve, a criança cega inicia o conto de forma enfática, ao aumentar a intensidade vocal no momento em que introduziu a história com a expressão “ERA UMA VEZ”. Além disso, utilizou uma qualidade vocal grave ao representar o papel do espelho com a produção verbal: “NÃO, minha rainha” (tempo 9min45s); e ao representar o papel do caçador com a expressão: “FUJA banca de neve, FUJA” (tempo 9min47s). Desse modo, ao representar os personagens, a criança cega usou a pantomina vocal ao modificar a qualidade vocal, conforme foi observada no estudo de Fonte (2011) realizado com mãe e criança cega.

Em momento específico, observamos uma marcação enfática vocal diante do prolongamento da emissão: “aí ela foi::”.

Na narração oral da história, a criança realizou movimentos repetidos manuais e com o corpo para frente e para trás, ou seja, gesticulava durante sua produção verbal, comprovando as constatações de Goldin-Meadow e Iverson (2001) de que a presença da gesticulação não depende da capacidade visual.

Nesta cena, ao contar a história a criança cega utilizou durante a narração oral variações prosódicas e gesticulações manuais e com o corpo, que contribuíram para a coerência e fluência da narrativa da história contada.

Logo, na narrativa da história de Branca de Neve, a prosódia ora assumiu o papel de enfatizar a produção verbal por meio do alongamento vocal ou da intensidade forte ora marcou o papel do personagem da história através de uma qualidade vocal grave. Já a gesticulação possibilitou o fluxo da narrativa oral.

2º Momento: Reconto da história do Patinho feio.

T	PLANO PROSÓDICO/ PLANO VERBAL	PLANO GESTUAL
14:12	((ERA(+))uma vez (...))	((realiza movimentos com as mãos e cabeça.
14:15	(intensidade forte) ((TÃO FEIO' MAIS TÃO FEIO'))	((realiza movimentos com os braços e mãos))
14:18	((e::le tava cansado))	((Faz movimentos com os braços e mãos))
14:20	Então chegou (voz infantilizada) a::pimavera.	
14:24	(intensidade forte e voz infantilizada) ((OLHE PRO SEU REFEXO NA ÁGUA))	((Faz movimentos com a cabeça, pescoço, braços e mãos.))

Na análise dos dados do reconto da história do Patinho Feio, observamos que na expressão “ERA UMA VEZ” a criança fazia movimentos com a cabeça, mãos e pescoço, ou seja, realizava gesticulações variadas com o corpo, acompanhando o fluxo da fala.

Ao recontar a história, no momento em que a criança falou: “TÃO FEIO, MAIS TÃO FEIO” usou parâmetros prosódicos como a intensidade vocal forte ao mesmo tempo em que falava fazia movimentos com braços e mãos.

Mostrou em um momento o alongamento da vogal “e::le”. Na frase “então chegou a::pimavera” utilizou uma voz infantilizada e ao mesmo tempo acompanhando a fala realizava movimentos com os braços e mãos. Já na expressão “OLHE PRO SEU REFEXO NA ÁGUA” usou uma intensidade vocal forte e a qualidade vocal infantilizada. Essa expressão verbal ocorreu acompanhada da gesticulação caracterizada por movimentos da cabeça, pescoço, braços e mãos.

Em dois momentos do reconto da história, foi observado que a criança cega marcou enfaticamente a narrativa oral ao destacar do seu contínuo de fala as expressões “TÃO FEIO, MAIS TÃO FEIO” e “OLHE PRO SEU REFEXO NA ÁGUA” por meio da intensidade de fala mais forte. Logo, o mesmo parâmetro prosódico foi usado ao representar papéis distintos na situação do reconto. No primeiro caso, o do narrador e no segundo a fala de um personagem no caso o cisne.

No reconto das histórias, ficou constatado que a fala, a prosódia e as gesticulações surgem como sistemas integrados na produção de sentidos na narrativa da história.

Considerações finais

Ao analisar a gesticulação e a prosódia utilizada nas narrativas orais de uma criança cega, a prosódia foi privilegiada como estratégia para a criança cega produzir sentido ao narrar a histórias de Branca de Neve e a do Patinho feio.

Os dados mostraram que a fala com suas marcações prosódicas e qualidades vocais diversificadas e as gesticulações da criança cega enquanto narrava as histórias funcionaram como linguagem multimodal produzindo sentido ao representar diferentes personagens das narrativas.

Diante dos resultados, a escola pode exercer um papel importante ao trabalhar narrativas orais com crianças cegas mediadas pelo uso da linguagem multimodal. A multimodalidade, constituída pela fala e prosódia deve ser inserida no contexto escolar, contribuindo para o desenvolvimento e a percepção de sentidos pela criança cega.

Referências bibliográficas

- CANGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentais. *Caderno de Estudos Linguístico*, Campinas, v. 23, p.137 – 151, jul./dez. 1992.
- CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações* (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.
- CAVALCANTE, M. C. B; BRANDÃO, L. W. P. Gesticulação e fluência: contribuições para aquisição da linguagem. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 1. p. 2425-2434. Campinas, Jan. /Jun, 2012
- DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSWKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (Org). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2011, p. 137-152
- FONTE, R. *Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente na aquisição da linguagem*. 2006. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

_____. A subjetividade e a constituição do sujeito na relação mãe-filho cego. In: Eunice de Oliveira; Severina Sílvia Ferreira; Tereza Avellar Barreto. (Org.). *As interfaces da Clínica com Bebês*. Recife: Bagaço, 2009, p. 171 - 180

_____. *O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega*. 2011. 315f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

IVERSON, J.; GOLDIN-MEADOW, S. What's Communication Got to Do With It? Gesture in Children Blind From Birth. *Developmental Psychology*, v. 33, n. 3 p. 453-467, 1997. Disponível em http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson_GM1997.pdf. Acesso em: 30 jun. 2013.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*. v. 92, n. 3, p. 350-371, 1985.